

Hands-on Learning: Learning by Doing and Experiencing



Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union



Hands-on Learning is an active learning approach in which students learn through direct experience, exploration, creation, and interaction rather than simply receiving information.

In **museum education**, it can be used through object-based activities, creative workshops, artefact exploration, reconstruction tasks, role-play, and collaborative projects, helping students build meaningful connections with museums and cultural heritage.



HANDS-ON LEARNING

Advantages



Why Hands-on Learning?



Deeper Understanding
Students grasp concepts more easily through direct experience.



Better Retention
Learning by doing helps students remember longer.



Active Engagement
Students are more motivated and actively involved in the process.



Develops Practical Skills
Encourages problem-solving, creativity and critical thinking.



Builds Confidence
Students gain confidence by completing tasks and seeing results.



Real-World Connection
Links learning to real-life situations and meaningful contexts.

Integration room - Port of Words



Academically focused intervention in small groups

Create extra-curricular support sessions in which the subject area teacher, in conjunction with an educational agent specializing in linguistic accessibility issues (teacher of Portuguese as a Second Language, linguistic mediator, special education teacher, etc.), anticipates or reinforces learning.





Safe, informal space, with focus on the belonging and educative support.

Target population: youth migrants multi language speakers, in risk of social and familiar exclusion.

Focus on the establishment of the relationship vs. supporticism in inclusion vs. segregation.

Behavior-focused intervention in small groups

To plan behavioral guidance sessions with students, in conjunction with an educational agent specializing in issues of emotional inclusion (e.g., school psychologist), to work on ways of being at school and in the classroom, in light of any cultural or religious factors.





JOGO DO MATA



MATERIAL NECESSÁRIO

1 bola macia ou de trapos



- Duas equipas (A e B) com igual número de jogadores, jogam uma contra a outra, num espaço delimitado, 2 meios campos e 2 zonas para o "pioelho".
- Cada equipa coloca-se no seu meio-campo (CA e CB), com exceção de um jogador que se coloca no respetivo "pioelho" ("zona de reserva" ou "campo dos mortos").
- Após trocar a bola através de passe entre os jogadores de campo e o que se encontra no "pioelho", cada equipa procura atingir com a bola ("matar") todos os jogadores adversários.
- A bola é jogada com as mãos. - O jogo tem início com uma equipa de posse da bola, que a troca através de passes com o jogador que se encontra no seu "pioelho", procurando uma boa situação para "matar" (atingir diretamente com a bola) os adversários que se encontram no seu meio campo.
- Qualquer jogador, que se encontre no campo principal ou no "pioelho", pode "matar".
- Só se pode "matar" quando a bola for agarrada sem tocar antes no chão ou em qualquer obstáculo.
- Os jogadores adversários que se encontram na zona principal do campo, tentam esquivar-se do remate adversário ou agarrar a bola sem a deixar cair no chão. Se a conseguir agarrar, pode de imediato tentar "matar" os jogadores da outra equipa.
- O jogador que é "morto" vai para o "pioelho". Os jogadores "mortos" permanecem na "zona de reserva" até ao final do jogo. O primeiro jogador a ser morto substitui o jogador que lá se encontra desde o início do jogo.
- O jogador morto fica em posse da bola e reinicia o jogo do pioelho, podendo na sua primeira ação matar o seu adversário.



1. Artistic Creation Activity: The Butterflies of Love
Objective: To express feelings and emotions through art.

2. Culinary Activity: Flavors of Portugal and Pakistan
Objective: To promote cultural diversity through flavors, with the involvement of families.

3. Traditional Games: Portugal and Pakistan
Objective: To learn about and experience games from both cultures.

4. Activity: "The Butterfly's Journey"
Objective: To understand the butterfly's life cycle and explore each phase in a practical and visual way.

PITTU GARAM



MATERIAL NECESSÁRIO

7 pedras planas
1 bola de ténis ou de trapos

Coloca as pedras numa pilha.
Faz equipa de 3 elementos.
O objetivo é derrubar todas as pedras, acertando-lhes com a bola.
Sempre que um elemento atira a bola e derruba as pedras, os elementos da equipa contrária, correm para as colocar no sítio, evitando serem atingidos pela bola, entretanto recuperada por outro dos elementos da equipa contrária.
Se a bola atingir um adversário, ele fica fora do jogo.
Ganha quem derrubar todas mais rapidamente.



Human library

Students of Portuguese as a Host Language (parents or community members) from various countries share their life stories and reasons for coming to Portugal with Portuguese students.



To raise awareness throughout the school community about the importance of good practices in promoting interculturality as a key factor in individual development.



Outside You learn as well!



From here and there!



ROJÕES À MODA DO MINHO

Portugal
Família Fontes Constantino



de Luanda a Israel e... Braga

Angola, Luanda...
A brisa quente tal como a panela de feijão, de óleo de palma ...a comida de todos os sábados. A criança corria com os primos de um lado para o outro. Umas debaixo das palmeiras para não se queimarem, outros a subirem as mangueiras e a gritarem "Eu pego essa!", "mano podes pegar aquela para mim por favor?" Pela janela, a mãe gritava, "cuidado, se caírem não vou levar ninguém para o hospital!" Ela falava tão rápido porque tinha que estar sempre a verificar o peixe.
"Sentem-se", dizia a minha mãe com o português de Portugal. Sentávamo-nos todos naquela mesa grande, no quintal, a comer o mufete. Pairava sentimento por todo o lado, uma alegria inexplicável. O céu estava sempre tão limpo que até parecia que estávamos no paraíso.
Paraíso... liberdade... onde cada cenário da vida daquela família fluía sem obstáculos, naquele sábado quente, bastante quente como a panela de feijão. Comeram o peixe, com mandioca e batata-doce, ... tão doce como a doçura de uma criança a olhar o arco-íris. A vida em Angola tinha um sentido único, como aqueles carrinhos de lata que as crianças faziam e que era impossível de controlar, se iam para a direita ou para a esquerda.



Israel, Herzliya...
Naquela praia, ouvia-se a paz da água até de longe. Às vezes, sentava-se a olhar para o pôr-do-sol, que estava tão vermelho como um dendém. Ou então, aquela menina andava de bicicleta, com os cachos soltos ao vento, remexendo a areia lisa a cada pedalada. Quando entrou naquela escola tão moderna, sentiu-se no paraíso, mas ao mesmo tempo, numa prisão. Ali, a criança via com olhos diferentes. Ela deixou de ver as palmeiras e as mangueiras e começou a ver muitas árvores sem fruto, e cada árvore tinha a sua regra. Enquanto em Luanda as árvores viviam felizes com as crianças a treparem nelas, aqui a regra era, não subir às árvores. Também era quente, só que não tão quente, como a pane-

la de óleo de palma! A comida deixou de ser o que era, porque o peixe não era fresco. Foi aí que ela entendeu a liberdade de escolher. O seu peixe era fresco, porque ela mesma pescava a sua dourada ou linguado. E havia tantos!
Muitas coisas desapareceram da vida daquela criança. A língua portuguesa enrolou-se como uma cobra, a tentar caçar aquele rato cheio de medo, que tomava forma na língua inglesa. No princípio sentiu aquele sabor – como quando uma criança prova limão pela primeira vez. No fim ficou melhor, como aquele arco-íris que vinha depois da chuva. O campo de futebol era tão grande e a relva tão fresca. As raízes dos maracujás cresciam nas cercas à volta do campo, e aquela menina de cabelos cacheados, tentava tirar um, pensando que ninguém a via. Mas ela não sabia que todos a conseguiam ver. Assim que provava sabia a amargor!
Começou a nadar! Ela esquecia que estava a nadar numa piscina e não numa lagoa, como a que tinha em Angola, bem perto de casa. Nos primeiros dias, sentiu estranheza. Depois começou a ser uma das melhores nadadoras da sua turma.
Só que em Israel, o kizomba parou de se ouvir, parou de bulir no pó da rua. As pernas habituadas às distâncias naquelas estradas longas, pararam. O kizomba em Herzliya não existia, e assim o amor pela música foi-se. Aquela criança de catacóis rijos, já não ia a correr buncar o frango quente. "Tia, dá-me só uma perna!", dizia pedindo à senhora que grelhava a carne. Agora ela estava neste lugar mais limpo, mas tinha medo de correr. A vida não está fácil em qualquer país. Em Israel, os amigos daquela criança vivem lado a lado com bombas. Aquelas crianças com quem brincava e ia à praia, que lhe ensinaram a andar de bicicleta, agora estão trancadas em casa. Não sabem se a morte vem ainda hoje ou amanhã.
Então, porque sair de Angola? Sentiam medo de Angola e saíram. Sentem medo em Israel mas não saem. Então, se Angola sabe sorrir com os candengues e dá-lhes dança nas ruas, porque os leva a querer sair?

Portugal, Lisboa, a mãe de Luanda, como a chamam os angolanos, e finalmente, Braga.
Entre Luanda e Braga, mudou o sorriso! O povo de Luanda, quando chega cá, tenta imitar, tenta ser de cá, esquecendo que os caminhos não são os mesmos. A força que ganhamos da palanca negra morre, tornando-se cinza, e assim que toca em Lisboa, aquela cinza voa, não por se sentir livre mas por obrigação. Luanda é gente a sorrir, dentes arreganhados. É uma terra de glória, de muitas memórias, mas assim que pisam em Lisboa, as memórias caem no passado, e depois são esquecidas, como aquela velha sentada naquela cadeira branca, com rugas de amnésia. Sim, somos um povo negro, pobre mas somos os palancas - animal que representa riqueza, força e alegria.
É preciso amar Luanda! Ela precisa de nós para não ser apenas uma memória, uma história para contar aos netos.
Em Portugal, no tal paraíso sonhado, o candengue sofre calado. Será que é mesmo um paraíso, sendo um lugar onde se sofre calado? Será que aqui é o nosso lugar? Sonhavam com mais. A liberdade parece que não chega, não consegue dar o conforto desejado! E assim tudo passou a ser menos!
Então viver com dificuldades em Angola? ou viver com dificuldades fora de Angola? O que vale mais? A dificuldade de lá, ou de cá?
Aquela criança ainda não entendeu e gostava de sorrir mais!

Anízia Oliveira | 10.º K



Promote activities that allow the maintenance and/or dissemination of the language and culture of origin and that are included in the annual activity plan (for example, a multilingual section in the school library/resource center; a multicultural section in the school newspaper; invitations to embassies, migrant associations, etc. to participate in school activities).

